

**5****A LINGUAGEM ENQUANTO IDENTIFICAÇÃO E  
EXISTÊNCIA: REFLEXÕES SOBRE O LETRAMENTO  
QUEER E A SALA DE AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA****LANGUAGE AS IDENTIFICATION AND EXISTENCE:  
REFLECTIONS ON QUEER LITERACY AND THE PORTUGUESE  
CLASSROOM**

**Gilvan Mendonça dos Santos\***  
**Manoel Bernardino da Silva Filho\*\***  
**Bruno Michael da Silva Pereira\*\*\***  
**Sidney da Silva Rego\*\*\*\***  
**Roberto Alan Torres de Mesquita\*\*\*\*\***  
**Ailton Alves do Nascimento\*\*\*\*\*<sup>38</sup>**

**RESUMO:** A trajetória dos professores de Língua Portuguesa a partir de suas vivências na própria sala de aula perpassa ao ineditismo de uma realidade em que os estudantes cada vez mais desenvolvem uma linguagem não normativa, imersos em contextos que se alimentam do próprio dinamismo e essência da língua, e é nesse bojo que buscamos tecer reflexões sobre o estudo da linguagem para o letramento queer e o reflexo dessa temática em aulas de Língua Portuguesa da Educação Básica. Além do mais, levantamos considerações sobre o processo formacional desses profissionais e como as práticas pedagógicas podem implicar na inserção da linguagem queer no cotidiano dos estudantes. A partir dessa contextualização, este estudo apontou para três contribuições importantes. Inicialmente em uma observância significativa para o letramento queer. Perpassando pela necessidade de discursos e discussões a respeito de gênero e sexualidade. E por fim, a aventada importância aos estudos que envolvam não somente território, gênero e sexualidade, como também o aporte nas discussões pertinentes a língua enquanto mutável e

---

\* Mestrando em Linguística e Literatura (UFAL). Pós-graduação em Língua Portuguesa (FESL). Graduação em Direito (CESAMA). Graduação em Letras-Francês (UNEAL). E-mail: [gilvan390@hotmail.com](mailto:gilvan390@hotmail.com)

\*\* Mestrado em Direito Público (UFAL). Graduação em Direito (UFAL). Professor da Faculdade Cesmac do Agreste. E-mail: [manoelb@gmail.com](mailto:manoelb@gmail.com)

\*\*\* Doutorando em Educação (UFAL). Mestrado em Diversidade Biológica e Conservação nos trópicos (UFAL). Graduação em Biologia (UFAL/Universidade de Coimbra). E-mail: [brnmichae11@gmail.com](mailto:brnmichae11@gmail.com)

\*\*\*\* Mestrado em Direito (UFAL). Pós-graduação lato sensu em Direito Empresarial e Advocacia empresarial (UNIDERP). Pós-graduação lato sensu em Direito Processual (FAMA). Graduação em Direito (UFAL). Coordenador Adjunto e Professor do Curso de Direito da Faculdade Cesmac do Agreste. Servidor público do Tribunal Regional Eleitoral de Alagoas. E-mail: [Sidney.rego@cesmac.edu.br](mailto:Sidney.rego@cesmac.edu.br)

\*\*\*\*\* Mestre em Ciências da Educação pela Universidad Interamericana (PY)/Reconhecimento UNIFIEO (2017). Pós-graduação Lato Sensu em Ciências Criminais (CESAMA). Defensor Público do Estado de Alagoas. Professor da Faculdade Cesmac do Agreste.

\*\*\*\*\* Pós-graduação Lato Sensu em Direito Processual (CESMAC). Graduação em Direito (CESMAC). Procurador Jurídico Municipal dos Municípios de Campo Grande-AL e Olho D'Água Grande-AL. Professor da Faculdade Cesmac do Agreste.

dinâmica, certamente encontrarão uma carta aberta ao debate acerca da existência e identificação com a linguística queer.

**Palavras chaves:** Formação Continuada; Sexualidade, Gênero, Educação Básica.

**ABSTRACT:** The trajectory of Portuguese Language teachers from their experiences in the classroom permeates the unprecedented reality in which students increasingly develop a non-normative language, immersed in contexts that feed on the very dynamism and essence of the language, and it is in this context that we seek to reflect on the study of language for queer literacy and the reflection of this theme in Portuguese Language classes in Basic Education. Furthermore, we raise considerations about the formational process of these professionals and how pedagogical practices can imply the insertion of queer language in the daily lives of students. From this contextualization, this study pointed to three important contributions. Initially on a meaningful observance for queer literacy. Going through the need for speeches and discussions about gender and sexuality. And finally, the suggested importance to studies that involve not only territory, gender and sexuality, but also the contribution to discussions relevant to language as changeable and dynamic, will certainly find an open letter to the debate about the existence and identification with queer linguistics.

**Keywords:** Continuing Education; Sexuality, Gender, Basic Education

## 1 INTRODUÇÃO

Inevitavelmente, e mesmo despretensiosamente, estamos em constantes discussões a respeito dos conceitos do que realmente é a língua, do que é ideologia de gênero, do que é linguística queer. Mesmo assim, pouco se tem efetivamente se inserido no âmbito ou seguimentos da educação básica a respeito de tais assuntos, principalmente quando se fala em um ensino tradicional de língua portuguesa, onde muitos deles são engessados em suas práticas e não abertos ao contemporâneo.

Não é de agora que, o homem busca expressar seus pensamentos e sentimentos, até mesmo porque muitos não se veem como pertencentes de determinados contextos em que o uso da língua é discutido, ou colocado em evidência seus parâmetros e formas tradicionalistas de estudá-la. O uso da língua foi essencial para um entendimento salutar para então expressar tais sentimentos. Foi esse o canal que fez com que o ser humano exercesse uma ação mútua entre os seus pares, fazendo que seus pensamentos, tocassem num ponto crucial que é uma comunicação mais ativa por meio da fala, da escrita e de outras formas de linguagem, respeitando de uma vez a forma de expressão e comunicação de determinada sociedade.

É compreensível que ainda haja dificuldades em entender como as relações sociais tem uma grande influência em qualquer esfera, seja ela ideológica, social, cultural, mesmo evidenciando suas particularidades numa vivência escolar, observamos em nossos educadores um certo despreparo sobre a temática na própria formação, inclusive de professores mais jovens, que deveriam sentir-se mais à vontade em colocar nos seus planos de aulas, leituras e discursos que pudessem enriquecer mais os debates de forma plural, e assim, evidenciar a existência de uma sala de aula em seu contexto amplo, multifacetadas de ideias, conhecimentos, culturas, ideologias, ampliando ai a existência de uma língua, independentemente do território em esses alunos se encontrem, motivando dessa forma a necessidade de encontros formativos específicos e engajadores numa neutralidade territorial e de linguagem, envolvendo os docentes para um desenvolvimento no letramento queer, uma vez que faz-se necessário um ouvido mais sensível por parte do professor para entender cada momento em que um aluno ou aluna se expressar, está clamando para que alguém ouça e possa entender, mesmo que não levante nenhuma bandeira sobre gênero, sexualidade, território, mas que ouça e que é preciso dar voz e abrir caminhos para novas formas de linguagem, adaptando os novos discursos das novas gerações.

No contexto escolar encontramos professores inseguros para falar sobre o referido tema, principalmente em locais tomados pelo machismo estrutural é que gera mesmo desconfortos e inseguranças em como lidar com a temática na educação básica e principalmente com pessoas inseridas em famílias tradicionais de determinadas regiões do Nordeste.

Assim, neste trabalho, levantaremos considerações sobre o processo formacional de professores de Língua Portuguesa e como as práticas pedagógicas podem implicar na inserção da linguagem queer no cotidiano dos estudantes. Entendemos ser possível evidenciar também quais são os limites e possibilidades de sua aplicação. Seguindo um pressuposto envolvente para discussões e debates com os profissionais docentes.

## **2 A LINGUAGEM**

Voltados para estudos e aplicações das aulas de língua portuguesa na educação básica, é notório a observância quanto a desvalorização da aplicação da linguagem em sua totalidade, como algo que nos faz refletir e caminhar sobre várias vertentes que emerge das necessidades evolutivas do ser humano, proporcionando estudos diversos

onde possamos reconhecer aspectos sociais capazes de questionar uma sociedade, sobre o uso da linguagem, uma vez que não é planejado, nem muito menos visto um viver sem o outro.

Todos os indivíduos têm um papel de fundamental importância em seu uso, salientando o grau de influências que existem entre cada falante, podendo sim exercer construções de forma social, políticos e ideológicos. Com todo exposto, devemos reconhecer que a palavra, realmente é o “fenômeno ideológico por excelência” como evidencia Bakhtin (*apud* BRAIT, 1997, p. 36), destacando o aspecto não alterado e vulnerável das relações sociais, tendo em sua essência a visão de encantar, influenciar, conduzir, seduzir, reprimir, e de tantos outros poderes que a língua possui, capazes de envolver diversos outros sentimentos, podendo influenciar toda uma sociedade em âmbitos e espaços diferentes. Consoante com esta perspectiva, Chauí (2006, p. 155) explica que

A linguagem é nossa via de acesso ao mundo e ao pensamento, ela nos envolve e nos habita, assim como a envolvemos e a habitamos. Ter experiência da linguagem é ter uma experiência espantosa: emitimos e ouvimos sons, escrevemos e lemos letras, mas, sem que saibamos como, experimentamos e compreendemos sentidos, significados, significações, emoções, desejos, ideias. [...] É que a linguagem tem a capacidade especial de nos fazer pensar enquanto falamos e ouvimos, de nos levar a compreender nossos próprios pensamentos tanto quanto os dos outros que falamos conosco. As palavras nos fazem pensar e nos dão o que pensar porque se referem a significados, tanto os já conhecidos por outros quanto os já conhecidos por nós, bem como os que não conhecíamos e que descobrimos por estarmos conversando.

Ratificamos o que diz a autora, a partir do momento em que entendemos a linguagem como sendo hoje a base de sustentação para se ter um relacionamento social, uma vez que se faz necessário em diversos âmbitos, seja, eles: social, político, religioso, familiar, educacional, ideológico, midiático, econômico, amoroso. Sendo assim, a linguagem é o divisor de água entre as relações sociais, fazendo com que nos inseramos neste ou naquele lugar social. Em concordância com Chauí (2006, p. 156), analisando a linguagem em seu sentido amplo, enquanto língua e fala, podemos submeter a fatores considerados de fundamental importância para a construção de fatores ligados a aspectos físicos, socioculturais, psicológicos e linguísticos, que farão toda a diferença no momento de analisarmos a vivência e convivência com o ser humano movimentando com a vida de

cada ser falante da língua ou da linguagem, mostrando então que língua jamais poderá ser equivocada com meros conjuntos de signos ou de qualquer outra forma que as a faça ser confundida com regras pré-estabelecidas dos referidos signos, não esquecendo que a mesma deve ser vista como uma fonte não complexa e que devemos analisá-la muito além do físico, do sociocultural, do psicológico e do linguístico, mas sim diante de fatores que instiguem de modo direto toda uma vida do indivíduo para experimentos sociais.

Ao determinar a linguagem, como a base de sustentação, com esta concepção, evidenciamos que ela é um instrumento que permite ao homem expressar-se e interagir com o outro. Podemos entender que a linguagem tem uma luz própria, tão evidente que nos é mostrada através de sua evolução fixando como uma concretude em sua comunicação, por isso a enxergamos em constante movimento.

Dessa forma, segundo Bakhtin (*apud* BRAIT, 1997, p. 107-108)

[...] a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. [...] Os sujeitos não “adquirem” sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência.

Pelo que está exposto então, deduz-se que, o indivíduo, ao nascer, é apresentado a uma comunicação verbal, embora, a língua não se ajuste como algo finalizado, a consideramos em constante evolução, visto que Bakhtin (*apud* BRAIT, 1997) já evidenciava em seus dizeres que há uma teia social que reforça através dela que o indivíduo é inserido através da língua, possibilitando nessa seara, uma interação entre seus usuários através de aspectos linguísticos e sociais, proporcionando de fato acesso à cultura e outros pensamentos ideológicos, capazes de mostrar que ela tem poderes muitas vezes questionáveis por seus usuários, mas que devemos observar sempre seus avanços para aprimorar, adequar e respeitar o surgimento de novas linguagens.

### **3 GÊNERO E SEXUALIDADE**

Falar de gênero e sexualidade nas aulas de Língua Portuguesa da educação básica, ainda é bem complicado, principalmente pela força tradicional que a sociedade escolar é situada. Durante toda uma vida, A escola foi feita para espaços e vivências entre menino e menina um espaço para a forma padrão heteronormativa quanto a questões de

sexualidade, não sendo assunto a ser tratado nas aulas de língua portuguesa ou de qualquer outra disciplina, a não ser de Ciências no ensino fundamental. Mais do que isso, ensina “como as meninas devem se comportar durante sua gravidez, sendo que as recomendações feitas aos meninos ficam apenas no plano da prevenção” (RODRIGUES; RAMOS, 2013, p. 177), enquanto que nos livros didáticos é comum ilustrações de como utilizar preservativos e como se dá o ato sexual entre um homem e uma mulher, mesmo assim, encarando o tradicionalismo de pais e responsáveis que veem o sexo enquanto um *taboo*, devendo ser praticado única e exclusivamente após o casamento.

Nos PCN (BRASIL, 1998, 2007), a sexualidade não é vista somente como a conjugação heterossexual. Segundo este documento:

[...]o conceito de gênero diz respeito ao conjunto de representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero torna-se os de desenvolvimento das noções de “masculino” e “feminino” como construção sexual.

Toda essa situação, por vezes envolvendo linguagem, gênero e sexualidade, gostaríamos de evidenciar uma outra problemática, e talvez a mais importante que é o território em que a pesquisa se encontra, que é o Nordeste, região ainda potencialmente machista e que prevalece a cultura do cabra macho deve-se ter uma atenção especial, pois não devemos apontar uma característica pejorativa negativa do nosso Nordeste como sendo a consensual. Para tanto “o Nordeste, assim como o Brasil, não são recortes naturais, políticos ou econômicos apenas, mas, principalmente, construções imagético-discursivas, constelações de sentido” (ALBUQUERQUE-JR, 2009, p. 307).

#### **4 TERRITORIALIDADE**

Nosso Nordeste é repleto de belezas naturais e que muitas vezes somos vistos apenas por elas e como elas são evidenciadas em campanhas de turismo nacional e até mesmo internacional. Para Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2009) o nordeste tem belezas espetaculares com construções de sentidos capazes de mostrar que somos o berço de uma cultura própria e que evidencia uma linguagem rica em sentidos concretos. O que nos chama a atenção também nesse aspecto, é justamente a iniciação da construção de narrativas de desconstrução de uma linguagem tipicamente estereotipada vista a nível

nacional como única e servindo de chacotas para discursos desvalorizados e sem contextos vistos em diversos meios de comunicação.

Fazendo uma análise mais antiga do conceito de território referia-se à concepção de poder, resultante de questões jurídico-político. Dessa forma, tendo uma posição mais atual, pode-se chamar a atenção para as questões simbólicas e culturais como elementos constituintes de territorialidades. Haesbaert (2004, p.2) evidencia que “enquanto ‘espaço-tempo vivido’, o território é sempre múltiplo, ‘diverso e complexo’, ao contrário do território ‘unifuncional’ proposto pela lógica capitalista hegemônica”. Assim, é possível considerar a dimensão da cultura na constituição dos territórios, o que significa admitir que, o território nessa concepção” desdobra-se ao longo de um continuum que vai da dominação político-econômica mais ‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou ‘cultural-simbólica (HAESBAERT, 2004, p.2).

Nesse sentido, o lugar abarca as cargas identitárias, que influenciam na constituição das multiterritorialidades. Hall (2006), na obra “A identidade cultural na pós-modernidade”, define identidade como a dimensão humana composta pelas qualidades, crenças e ideias que fazem alguém se sentir ao mesmo tempo indivíduo e membro de um grupo particular. Ainda para o autor (*ibidem*) distinguiu três concepções de identidades no decorrer dos tempos, a saber: as concepções de identidade do sujeito do Iluminismo, do sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno. O sujeito do Iluminismo está baseado na concepção da pessoa como um indivíduo totalmente centrado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo centro consiste num núcleo interior, que emerge pela primeira vez quando o sujeito nasce e com ele se desenvolve, ainda que, permanecendo, essencialmente, o mesmo. Nesse sentido, o centro essencial do eu é a identidade de uma pessoa. O sujeito sociológico reflete a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito do Iluminismo não é autossuficiente, mas é formado na relação com os outros, que mediam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos (HALL, 2006). Assim, a identidade, na concepção sociológica clássica, é formada na interação entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem. De acordo com Hall (*ibid*, p.14)

A identidade, na concepção sociológica, preenche o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’ - entre o mundo pessoal e o mundo público. O

fato de que projetamos a ‘nós próprios’ nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que, internalizamos seus significados e valores, tornando-os ‘parte de nós’ contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, ‘sutura’) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis.

De forma concreta e que merecemos destaque, para um território identitário capaz de encher nosso peito de orgulho e satisfação, porque temos e somos uma cultura rica em vários aspectos, seja ele na beleza do território, seja em sua fala, transmitindo emoções e veracidade regional em sua forma de expressão e comunicação. A linguagem por ora evidenciada, transmite-nos um certo conforto pelo território em que nos encontramos, dando-nos nesse contexto um ar de pertencimento de lugar e fala na sociedade.

A crescente reflexão sobre a Pedagogia Histórico-Crítica, momento que merece relevância, justamente pela abordagem de Gasparini (2002), que toma como base os cinco momentos didáticos propostos por Saviani (1986), que os desenvolve, transformando-os em didática. Com destaque para o processo de profissionalização, bem como a importância da reflexão para a formação e a vida escolar do educador. Adotando um olhar crítico para perceber os desafios cotidianos, as interações, experiências e saberes construídos pelos professores ao longo de seu trabalho.

Evidenciado ainda o espaço escolar e o trabalho dos educadores nesse contexto. O processo de organização dentro da escola com as diferentes concepções de gestão, destacando a gestão democrática em busca da participação de todos nas decisões a serem tomadas e evidenciando o trabalho coletivo. O planejamento escolar como fonte de organização fundamental para a escola e o desenvolvimento profissional com as mudanças na educação para repensar as práticas pedagógicas por meio do processo de reflexão em busca de novas aprendizagens.

E de forma mais específica o processo de Formação Continuada como elemento fundamental na vida do educador. A formação inicial docente é muito relevante, porém com as mudanças na sociedade, que acabam influenciando a escola, é necessário que o processo de formação continue sendo desenvolvido ao longo da vida profissional. Este processo “contínuo” tem como objetivo aprofundar alguns conhecimentos, desenvolver novas ideias e repensar as práticas pedagógicas, de forma a melhorar o processo de



ensino-aprendizagem, incluindo então, a importância de estudos sobre a Linguagem do território (Nordeste), gênero e sexualidade para letramento queer nas salas de aula.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir dessa contextualização, este estudo aponta para três contribuições importantes. A primeira é apresentar que ainda não há uma observância significativa em letramento queer, independentemente de qualquer que seja o caminho para se chegar até ele. Que apesar de estarmos em pleno século XXI, ainda encontramos resistência de professores a inovarem em suas aulas, deixando de fazer uso de linguagens que poderiam muito bem render ótimos aprendizados eficazes em sua prática, podendo inserir discursos que envolvam gênero e sexualidade já que o momento evidencia e clama por debates orais e situacionais que possam evidenciar e favorecer estudantes ou docentes que ainda fiquem acuados em promover uma linguagem queer em suas práticas de sala de aula.

A segunda, avança para a importância dos estudos que envolvam território, gênero e sexualidade para uma abordagem mais natural da linguística queer nas aulas de Língua Portuguesa, aprimorando e desenvolvendo políticas educacionais mais flexíveis na prática das escolas quanto a linguagem queer.

E a terceira, orienta para a contribuição de estudos com essa temática, que poderão servir como aporte nas discussões pertinentes a língua enquanto mutável e dinâmica, bem como ampliar o debate acerca da existência e identificação com a linguística queer.

## **REFERÊNCIAS**

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A Invenção do nordeste e outras artes**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2019

BRAIT, B. **Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem**. In: BRAIT, B. (Org.). Bakhtin, dialogismo e construção de sentido. Campinas, SP: UNICAMP, 1997.

BRASIL. **Gênero e diversidade sexual na escola: reconhecer e superar preconceitos**. Caderno SECAD 4. Ministério da Educação, 2007.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania cultural: o direito à cultura**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

GASPARINI, Diogenes. **O estatuto da cidade**. São Paulo: NDJ, 2002.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multi- territorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

RODRIGUES, Alexsandro; BARRETO, Maria Aparecida Santos Correia. **Currículos, gêneros e sexualidades: experiências misturadas e compartilhadas**. Vitória: Edufes, 2013.

SAVIANI, Demerval. **Educação brasileira**: problemas. In: **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. 8. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

#### **AGRADECIMENTOS E APOIO**

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em agradecimento pela bolsa dada ao Bruno M. S. Pereira.

**Submetido em: fevereiro/2023**

**Aceito em: março/2023**